

# o último dos Horiyoshi

Ele é uma lenda viva da tradicional tatuagem japonesa, o mais respeitado artífice da arte de gravar corpos humanos. Aos 60 anos recém-completados, porém, o mito avisa: “Não haverá Horiyoshi IV”

por Décio Galina, de Yokohama  
fotos João Wainer



Momo-taro, o Garoto Pêssego, vence a luta contra Oni.  
Este é um dos desenhos do livro *100 Demônios de Horiyoshi III*.  
À direita, o nome do mestre Horiyoshi III no idioma local



**N**ovela, cigarro, um gole de chá. As cenas sorvem a atenção de um dos mais idolatrados tatuadores do planeta. Ajoelhado no tapete, submerso na TV, o mestre nem parece estar ali. Horiyoshi III relaxa após talhar o ombro do rapaz de cabelos longos, e se apronta para esculpir a perna do homem quase careca. Breve intervalo no expediente diário de cinco a sete clientes. Nenhuma placa marca o endereço do estúdio. Fica em um cubículo no segundo andar de um sobrado de madeira, numa rua calma e estreita, travessa de uma ladeira. Máscaras, crânios pendurados, livros espremidos nas prateleiras, álbuns de convenções internacionais de tatuagem — e a TV ligada. A fumaça da única tragada bóia no teto do estúdio de única e fechada janela. O quadro de destaque da sala mostra uma mulher gorda, amordaçada, pendurada pelos pés, de pontacabeça. Aquecedores deixam o ambiente um forno. Lá fora, a garoa potencializa o frio de 6°C nesta Quarta-Feira de Cinzas, 1º de março. Dia com cara de São Paulo em Yokohama — segunda maior cidade do Japão, com 3,5 milhões de habitantes, a 30 minutos de trem de Tóquio.

Yoshihito Nakano nasceu em Shizuoka em 1946. Aos 21 anos conheceu Yoshitsugu Muramatsu, que lhe transmitiu os segredos da grande arte. Anos mais tarde, Muramatsu o batizaria de Horiyoshi III (hori de “gravar” e yoshi, prefixo do primeiro nome do mestre) — o segundo da linhagem é filho de Muramatsu. A estirpe, porém, está com os dias contados: “Não haverá Horiyoshi IV”, sentencia o Terceiro em tom definitivo. “Meu filho também não será.” Fala sério, sem gesticular. “Os novos profissionais têm outro espírito, idéias diferentes do irezumi, a tradicional tatuagem japonesa”, desabafa. “O mundo mudou muito.”

As figuras milenares, que atraíram a atenção dos samurais, viraram símbolo de lealdade dos membros da yakuza, a máfia japonesa. Dezenas deles disputam a agenda de Horiyoshi III para cobrir o corpo com dragões, carpas, tigres, cobras e pétalas de cerejeira. “Eles gostam do meu desenho...” Quais os desenhos ►



O japonês Koji Takagi e o brasileiro Massaiti Ando fazem parte da turma de tatuadores 1 or 8, que reúne 80 profissionais de Kansai

mais solicitados? Horiyoshi III tem a resposta na ponta da agulha: “Japoneses preferem dragões”. Algumas pessoas deixam o tema a critério do mestre. “Nesses casos, converso com o cliente para conhecê-lo melhor.” Conseguir um horário, no entanto, exige paciência: se um conterrâneo espera até um mês, para os gaijin (estrangeiros), o chá-de-cadeira chega a um semestre. E, se a idéia for fazer um bodysuit, isto é, cobrir todo o corpo, aí é que não adianta ter pressa mesmo: com duas sessões por semana, o trabalho fica pronto em dois anos e meio. “Já pensei em parar, mas tenho muitos clientes.” Que chegam a pagar, diga-se, US\$ 20 mil por um bodysuit.

#### “Tatuagem não nasceu para ser modinha”

Na década de 80, graças à amizade com o americano Don Ed Hardy, Horiyoshi III mesclou técnicas tradicionais, como o tebori, que usa hastes de bambu, com aparelhos mais modernos. Ao mesmo tempo, ele popularizou o estilo japonês nos Estados Unidos. E, no Brasil, qual tatuador ele destacaria? “Maurício”, rebate o mestre de primeira. Trata-se de Maurício Theodoro, 40 anos, nascido em São Caetano do Sul (no ABC paulista) e residente boa parte do dia no estúdio da rua Augusta, em São Paulo. Aclamado entre os melhores do mundo, Maurício é referência nacional principalmente se a pauta for tatuagem oriental. “Horiyoshi é um pai, uma bíblia, exemplo de tatuador sério e humilde”, diz. Maurício compartilha com o mestre sua filosofia sobre os novos ventos da arte epidérmica. “Querem vender a tatuagem como um produto, algo passageiro”, conta o discípulo. “Não acho legal quem procura uma tattoo como se escolhesse uma calça. Tatuagem não nasceu para ser modinha. Muita gente escreve o nome de alguém na pele, depois se arrepende e vem pedir para cobrir — eu não faço esse tipo de trabalho.”

Nem todos, porém, são tão céticos em relação ao futuro da tatuagem tradicional japonesa. Koji Takagi, profissional da cidade de Youkaichi, acha que o lado positivo da popularização da arte é a diminuição do preconceito. “Há dez anos havia muita intolerância”, lembra. “Hoje, esses desenhos fazem bastante sucesso entre as mulheres...” Koji desenvolveu máquinas próprias para tatuar, sem abrir mão da utilização do bambu de 48 agulhas distribuídas em três fileiras. “Sou japonês, não posso perder a tradição do bambu.” Um dos pupilos — e grande amigo — de Koji é o brasileiro Massaiti Ando, de 21 anos. Brasileiro é modo de dizer, pois Massaiti chegou ao Japão com 10 anos e nunca mais voltou. Ele e Koji fazem parte de uma turma chamada 1 or 8, que congrega 80 tatuadores da região de Kansai e tem como lema “não sei se vai dar certo, mas a gente tenta...”. Ou seja: a obsessão pelo perfeccionismo que marca a velha guarda não faz parte do credo da turma.

A diferença entre a velha e a jovem guarda, aliás, fica clara ►



REX BUTCHER/GETTY IMAGES

Visual de Yokohama, cidade onde Horiyoshi III trabalha. À direita da roda-gigante, a Landmark Tower: 70 andares e um elevador que atinge 45 km/h

no exemplo a seguir. Horiyoshi III viu uma tatuagem pela primeira vez aos 11 anos, ao se deparar com um homem inteiramente desenhado no banho público que freqüentava com o avô. Massaiti, por sua vez, se apaixonou pelo tema quando notou um sol tatuado no cotovelo do skatista Mike Vallery. “Quis ter o mesmo desenho”, conta. “Mas, como era muito caro, troquei meu computador por uma máquina de tatuar — e fiz eu mesmo.” Massaiti sonha em juntar dinheiro para viajar de navio ao Brasil com a mulher, Vivian, colombiana, e os filhos Arwin e Dave. “Prefiro ir de navio para ter tempo de ler uma montanha de livros...”

### O elevador mais rápido do mundo

O estúdio de Koji em quase nada lembra o local de trabalho de Horiyoshi. O de Koji é moderno, com bonecos de plástico espalhados pelo chão quadriculado. Por aqui, nada de novelas. O som ambiente fica por conta da banda japonesa de trash metal S.O.B., na qual o vocalista Kawamura Etsushi, além de ser músico, trabalha na manutenção dos trilhos de trem-bala. Com Horiyoshi, prevalece o trio novela, cigarro, um gole de chá. “Antes tomava algo para relaxar, mas não bebo mais porque tenho problemas de saúde”, explica. “Prefiro ler um livro nas horas de folga.”

O terceiro cliente que acompanhamos na tarde fria — e quente — de 1º de março já tinha quase todo o corpo coberto. Logo após a sessão, ao saber que a reportagem era para uma revista brasileira, se animou a mostrar o celular: um vídeo do ídolo, o lutador de vale-tudo Wanderlei Silva, ícone do esporte no Japão. Antes de pormos os pés na estrada, o fotógrafo João Wainer não resistiu: pediu pelo amor de Deus para Horiyoshi III rabiscar o que quisesse em seu braço. Quem não chora não mama: Wainer saiu feliz da vida com sua 18ª tatuagem — um kanji (caractere chinês usado na escrita japonesa) de dragão.

Inevitável o choque térmico ao sairmos do estúdio. Tarde sombria, de cerejeiras nuas, prontas para explodir em flores dali a um mês, na sakura que colore o país em abril. Mesmo não sendo o melhor dia para alcançar o topo do arranha-céu mais alto do Japão, não perdemos a chance de visitar o observatório de 360 graus no 69º andar da Landmark Tower. A viagem pela espinha dorsal do prédio de 295,8 metros de altura e 70 andares acontece no elevador mais rápido do mundo. Com design de ovo, ele atinge a velocidade de 45 quilômetros por hora — tão veloz que os ouvidos sofrem. Vai do segundo ao 69º andar em 40 segundos — um elevador normal vai do térreo ao 14º andar em 31 segundos. O campeão de velocidade tem o interior decorado com desenhos que representam o espaço sideral e possui um painel de luzes mostrando a aceleração. Depois de se projetar como uma bala pelo prédio, estaciona macio para a vista mais espetacular da cidade portuária. Adivinhe qual a marca do elevador? 